

**REDEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO DA FEIRA LIVRE: UM ESTUDO  
EXPLANATÓRIO SOBRE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NA AVENIDA BRASIL  
EM JUIZ FORA - MG**

**ALINE PANDELÓ BRÜGGER - UFJF**

alinebrugger@hotmail.com

**RESUMO**

Esse trabalho objetiva mostrar uma redefinição do território da feira livre da Avenida Brasil na cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais. Durante a observação de campo, vislumbrou-se o exercício do poder dos diferentes atores; tais como os sujeitos que compram e vendem os produtos, o “Paraíba” zelador do espaço onde será expostos os mesmos, seguidos de policiais militares, além do fluxo permanente de carros na própria avenida durante a feira. Há ainda um reconhecimento dos papéis desempenhados pelos indivíduos mais antigos da feira, pois os mesmos já fixaram seu espaço neste local há mais de décadas, reafirmando assim a permanência da flexibilização do trabalho. Esse estudo apoia-se nas obras Henry Lefebvre, Karl Marx, Milton Santos e Costa Ribeiro, utilizando-se de conceitos tais como: apropriação do espaço geográfico, mercadoria, território, circuitos da economia, e globalização.

**Palavras-chave:** Feira livre, Território, Apropriação do espaço, Globalização, Flexibilização do trabalho.

**OBJETO DE ANÁLISE**

Na atualidade, a feira livre tornou-se um território de compras, vendas e trocas de mercadorias, desempenhando funções dentro das esferas política, econômica e cultural. Nesse interím a mesma passa a ser um encontro de comerciantes que expõem as suas mercadorias em estruturas móveis, utilizando a via pública como acesso. Nesse aspecto se faz importante tratar a feira livre como espaço de territorialidade. No ambiente da feira, são erguidos territórios de compra, venda e troca, demarcados materialmente pelas barracas, bancas e outros objetos geográficos, bem como, subjetivamente pelos indivíduos que frequentam esses espaços.

## OBJETIVOS

O propósito desse estudo é analisar a situação da feira livre no contexto do mercado informal, com base nos circuitos de economia tratados por Milton Santos (2011); avaliar a feira livre no contexto dos processos de desemprego e globalização sob a luz de Paul Singer (2006); compreender como ocorre a produção do espaço a partir de Henri Lefebvre(2008);. Esse estudo permite propor diagnóstico e medidas de políticas públicas territoriais ao fornecer subsídios de campo, através do perfil dos frequentadores e comerciantes para que os gestores municipais possam entender a dinâmica do território.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A feira livre é uma reunião de comerciantes que expõem em estruturas versáteis suas mercadorias, utilizando como via de acesso a via pública. O feirante não é proprietário da fração do espaço que utiliza, ao contrário do comerciante tradicional que em geral tem a posse ou aluga o espaço fixo para seu trabalho. A feira livre situada na Avenida Brasil em Juiz de Fora - MG possui barracas de verduras, frutas e legumes à margem esquerda do rio, enquanto na margem direita temos produtos de várias procedências: sucatas, coisas antigas, cds piratas e roupas.

Cabe lembrar que no final dos anos 80 inicia-se o processo de liberação econômica no Brasil, fortemente ampliado na década seguinte. Segundo Cacciamali (2000), dentre as principais alterações impostas na sociedade brasileira neste período destacam-se a expansão da privatização e desestruturação dos serviços sociais públicos, a privatização das empresas públicas e a desregulamentação do mercado. Esse novo modelo econômico revela-se desfavorável ao emprego formal, contribuindo para a expansão do setor informal. Destarte os comerciantes foram vender os seus produtos nas feiras livres ocorrendo a sua expansão territorial. Para Medeiros(2009), o trabalho (informal), diariamente executado por esses atores sociais, expressa um sentido amplo. Além de sua importância econômica como elemento estruturador das relações de troca que permeiam esses espaços, esse mesmo trabalho pode ser entendido como um ato político, no qual o seu

reconhecimento, por parte dos demais atores sociais, fortalece os laços entre o feirante e o seu “território de trabalho”.

*Enquanto observamos a realidade do trabalho precário, a cada dia que passa se ampliando no Brasil, a literatura vem apontando o avanço sistemático dessa condição nos países desenvolvidos como um fenômeno que se globaliza, em que pese às especificidades de cada lugar (...) Aproximadamente, um terço dos trabalhadores no mundo “ou se encontra exercendo trabalhos parciais, precários, temporários, ou já vivenciava a barbárie do desemprego. Mais de um bilhão de homens e de mulheres padecem as vicissitudes do trabalho precarizado, instável, temporário, terceirizado”. (ANTUNES, 2007, p.13).<sup>1</sup>*

Toda essa demanda do trabalho “informal” dá-se através de uma temporalidade, que é acentuada nos processos intensos de globalização ou mundialização, como alguns autores preferem chamar. Ribeiro(1995) afirma sobre a importância de globalizar o conhecimento e seu uso. Definir a inserção dos lugares em uma rede de relações humanas de modo a valorizar a singularidade em meio à totalidade. Viver um mundo mais solidário. Essas possibilidades de pensar, representar e propor relações humanas caminham na contramão da história. Infelizmente verifica-se a predominância da competição desenfreada por mercados e tecnologias, a busca incessante por recursos naturais e a intensa exploração do trabalhador, mesmo diante da diminuição de postos de trabalho.

Destarte Santos (2011) lembra que a globalização é uma fábula e é perversa. Que de certa forma é o auge da internacionalização do mundo capitalista.

*A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas as mazelas são direta e indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (Santos, 2001, p.13)*

No entanto o próprio autor propõe uma outra globalização que se estenda a todos, uma globalização solidária, com otimismo de novas relações sociais e econômicas, mais justa com todos os cidadãos.

*Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos (...) bastariam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade. Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando*

---

<sup>1</sup> ALVES, ALMEIDA Trabalho informal em tempos “globalizacionistas”. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. Especial, p.238-250, mai.2009. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art15\\_33esp.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art15_33esp.pdf)

*a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização (Santos, 2002, p.80).*

Singer(2011) elucida que no debate sobre trabalho informal, convém lembrar que ele – como quer que o chamemos: subemprego, desemprego disfarçado, estratégia de sobrevivência – é algo relativamente antigo, datando dos primórdios da Revolução Industrial. Marx (2011) já tratou sobre essa categoria em *O Capital* quando explicitou a respeito da população excedente, um exército de reserva pronto para servir como mão de obra para as indústrias. Assim sendo, Singer (2011) diz que “É uma reserva móvel de trabalho, sempre disponível às empresas quando estas querem expandir rapidamente o número de empregados.”

Quadro 1  
Participação média dos empregados sem carteira assinada e trabalhadores por conta própria na ocupação total das regiões metropolitanas

Ano	1991	1995	1999
Empr. sem cart	20,81	24,08	26,39
Por conta própria	20,10	21,95	23,53
TOTAL	40,91	46,03	49,92

Fonte: PME/IBGE. Elaboração própria.2001

Nessa lógica, temos uma parte da população que é “líquida” e outra que é “latente”, conceitos trabalhos por Marx. A latente seria aquela parte da população do campo a espera de uma conjuntura favorável no meio urbano. No que tange a pesquisa geográfica é de suma relevância que tratemos da população excedente, estagnada. Logo

*A terceira categoria da população relativamente excedente, a estagnada, forma parte do exército ativo do trabalho, mas com ocupação inteiramente irregular. Ela oferece assim ao capital uma fonte inesgotável de força de trabalho disponível. Seu padrão de vida cai abaixo do nível normal da classe trabalhadora e é exatamente isso que a torna uma ampla base para ramos de exploração específicos do capital. Caracterizam-na o máximo de tempo de trabalho e o mínimo de salário”(Abril Cultural, São Paulo, 1982, p. 677).<sup>2</sup>*

Para podermos entender melhor como ocorrem essas transações comerciais no espaço geográfico, faz-se necessário entendermos como ocorre o processo de apropriação do espaço. Lembramos o conceito de espaço por Milton Santos “o

<sup>2</sup>GALBRAITH, J. K. **O novo estado industrial**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

espaço é o conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2004, p.21).

*Nos países subdesenvolvidos o espaço se caracteriza por ser organizado e desorganizado, dentro de uma matriz global, como função de interesses distantes. Entretanto as forças de mudanças são monolíticas e seu impacto sobre o espaço é muito localizado, porque sua difusão pode encontrar poderosas forças de inércia. (SANTOS, 2003, p.123)*

Lefebvre (2008) que contribuem para a formulação do conceito de espaço geográfico: que o espaço não é algo dado, ele é produzido pelo homem a partir da transformação da natureza pelo seu trabalho; as relações sociais são constituintes do espaço e é a partir delas que o homem altera a natureza; as relações sociais de produção, consumo e reprodução (social) são determinantes na produção do espaço; o espaço deve ser estudado a partir das formas, funções e estruturas, e as novas relações podem dar funções diferentes para formas preexistentes, pois o espaço não desaparece, ele possui elementos de diferentes tempos.

*O espaço é conhecido, reconhecido, explorado, banalizado, elaborado a escalas colossais, enquanto conjunto englobando a Terra e quase o sistema solar. Intensificam-se as possibilidades de ocupá-lo, de mobiliá-lo, de preenchê-lo, de produzi-lo! As informações afluem, das quais sabe-se que elas anulam as distancias, que desdenham da materialidade dispersa no espaço e no tempo.(Lefebvre, 2008, p.125)*

O espaço torna-se mercadoria, uma vez que é utilizado para fins lucrativos. Para Marx(2011) o ponto de partida da riqueza das sociedades apresenta-se sob a forma da acumulação de mercadorias; esta por sua vez torna-se um produto do trabalho humano, este sendo fruto de necessidades naturais e desejos (fetiches); Essas mercadorias são necessárias para que ocorra a satisfação humana. Nesse aspecto, a mercadoria se torna antes de tudo fruto das coisas úteis, como o ferro, o papel e o trigo; assim a mercadoria salienta-se pelo seu valor- de- uso e o seu valor- de-troca. Percebe-se que as negociações efetuadas dentro da feira livre se aproximam da noção de mercadoria apontadas por Marx, uma vez que o “Paraíba” guarda o espaço das barracas para os vendedores, em troca ele recebe um “pagamento”. Além disso, por ser um espaço em que os vendedores não pagam tributo aos órgãos públicos locais a mercadoria tem mais valor -de -troca do que de uso, porém esse valor- de- troca é mínimo.

Para Lefebvre(2008,pág. 128) o comprador do espaço continua a comprar valor de uso... O consumo do espaço difere do consumo das coisas não somente pelo tamanho e pela quantidade, mas por características específicas. Mercadoria e espaço tornam-se único para intensificar a reprodução ampliada do capital. Na feira livre, é nítido perceber a questão da apropriação do espaço, já que é nele que ocorrem as transações comerciais, em plena avenida movimentada da cidade, onde os comerciantes vendem seus produtos, utilizam o espaço público para capitalizar, sem nenhum tipo de tributo pago ao Estado. “A produção do espaço tende hoje a dominar a prática social, sem alcançar tal propósito, dadas as relações de produção. Ela corresponde às forças produtivas.” (Lefebvre,2008)

Segundo Corrêa (2012) o espaço público é, pois, um lugar onde se efetua uma participação ativa sujeita a normas e instituições. Trata-se de um espaço em que se estabelecem os princípios e as condições segundo as quais uma norma pode ser razoável e legítima para o conjunto das pessoas que gozam dessa qualidade pública.

Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social posto em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais.

Para Carlos (2007), “é preciso também pensar que negócios inteiros se baseiam na forma improvisada com a qual a rua é apropriada, (...) alguns montam barracas vendem um pouco de tudo; também improvisada as barracas e carrinhos tomam as ruas e esquinas”. Nas observações de campo, soube que ao sábado à noite, os comerciantes já chegam ao local para delimitar o local de sua barraca, seu carro, ou apenas um pano esticado no chão, outros pagam uma taxa á uma pessoa que toma conta de alguns pontos na Avenida, o chamado “Paraíba” principalmente os mais antigos. A Avenida Brasil continua com seu fluxo de automóveis, uma vez que esta não é fechada para que ocorra o comércio. Assim Carlos nos diz que:

*Evidentemente esse fenômeno, a nosso, ver diz respeito a um movimento específico do processo de reprodução espacial, no momento em que o processo de acumulação, para continuar se realizando, exige a existência de outros ramos da atividade produtivas, capazes de produzir para além de objetos, novas relações, comportamento valores, e um novo espaço assentado em novas estratégias. (CARLOS, 2007, p.61).*

Corrêa (2012) diz que a rua é também um sistema de signos e de linguagem, orientando os deslocamentos e os fluxos, sinalizando possibilidades, restringindo alguns usos e sugerindo outros, ou seja, é um universo de disposições espaciais de coisas e comportamentos.

Sendo a feira livre considerada como uma modalidade periódica de comércio varejista, entende-se que esse comércio é muito difundido nas cidades, seja pequeno, médio ou grande porte. No que se refere ao comércio varejista, Corrêa explicou que seu desenvolvimento é parte integrante do desenvolvimento capitalista, tendo a sua existência, de um lado, como escoadouro da produção industrial e de outro, como participante do processo de reprodução social por meio do consumo de produtos necessitados por uma população produtora de mercadorias e não mais de seus meios de subsistência. Os produtos que são comercializados na feira, geralmente usados, provêm de doações aos comerciantes, que vendem as mercadorias como uma complementação da renda, já que muitos são aposentados.

Para Braudel (2009) as feiras possuem duas funções, econômica e de divertimento. Considera ainda as feiras como uma economia de grande porte e muito importante para o desenvolvimento do capitalismo nas regiões onde se instalam, diz que é no interior das feiras e em suas redondezas que são tecidas uma complexidade de relações econômicas, sociais e culturais. Os mercados livres, dominados pelo setor informal e terciário, apresentam elementos rústicos e técnicos tradicionais de exposição e venda, com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos produtos exibidos nessas coletivas. A pechincha já é um hábito tradicional daqueles que compram na feira, é intrínseco à cultura dessa modalidade comercial, uma forma de obterem maiores descontos nos produtos.

Aos domingos, muitos que vão à feira buscam uma opção de lazer, tornou-se parte do cotidiano de algumas pessoas que encontram no local um ambiente agradável para passeios e conversas e barganhas, nesse sentido Braudel afirma que:

*Frequentada em dias fixos, a feira é um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam das ameaças à via de fato, é nela que nascem alguns incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras.*  
(BRAUDEL, 2009, p. 16).

Para Araújo & Moraes (2006) a feira é uma instituição fragmentada e articulada, “fruto” dos processos produtivos desenvolvidos pelos agentes sociais que, ao se apropriarem materialmente e simbolicamente dos espaços, evocam uma multiplicidade de territorialidades e sociabilidades. Nesta condição, a feira livre tornou-se um local de encontros sociais e econômicos tecidas por relações de poder entre os feirantes, compradores e o poder público.

Segundo Corrêa (2000) a organização estrutural do comércio varejista deve ser entendido como um conjunto de características que dizem respeito, de um lado, à organização comercial em setor formal e informal, e de outro, a organização do comércio em rede. No entanto, explica que a transição do comércio varejista do circuito inferior para o superior pode se dar através da intervenção do Estado que irá organizar uma área para instalar os vendedores de rua, os camelódromos, localizados em áreas de comércio popular. Mas também pode se dar através de uma auto-organização na qual os espaços apropriados apresentam certa divisão territorial do trabalho, criando ainda um sistema próprio de segurança.

*Os novos territórios estão sendo formados e transformados em todas as partes sobre os escombros das desterritorialidade, da luta de classes ou das novas fontes espacializadas de produção de mercadoria. Os meios de comunicação de massa mostram, numa despojada simplicidade, os novos territórios: do jogo do bicho, do narcotráfico, da pornografia, das “economias informais”, do carnaval, da cólera e das finanças. (SANTOS, 2001, p.143).*

De acordo com a visão miltoniana o território é “formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade.” Para o autor o território expressa o entendimento como sendo o espaço de todos, sendo que as redes integram uma parte do espaço ao espaço de alguns. As redes são formadas pelos mesmos lugares e que formam o espaço de todos.

É possível visualizar esta rede por meio do fluxo de pessoas que circulam na feira livre da margem direita do Rio Paraibuna, sabemos que são pessoas que veem de outras cidades da região, de outros bairros e demais localidades da cidade.

*Na democracia de mercado, o território é o suporte de redes que transportam regras e normas utilitárias, parciais, parcializadas, egoístas (do ponto de vista dos atores hegemônicos), as verticalidades, enquanto as horizontalidades hoje enfraquecidas são obrigadas, com suas forças limitadas, a levar em conta a totalidade dos atores. A arena da oposição*

*entre o mercado –que singulariza– e a sociedade civil –que generaliza– é o território, em suas diversas dimensões e escalas. (SANTOS, 1994, p.259)*

Para podermos compreender como a feira livre se enquadra no quadro econômico da metrópole, é de suma importância estudar a teoria de Milton Santos, quando fala dos dois circuitos da economia. Para ele, o espaço nos países subdesenvolvidos se caracteriza por enormes desigualdades de renda, que são expressas no nível regional por uma tendência à hierarquização das atividades e, no nível local, pela coexistência de atividades similares, mas que funcionam em diferentes níveis. As disparidades de renda são menos chocantes nos países desenvolvidos e têm pouca influência sobre o acesso a um grande número de bens e serviços. Em contraste, nos países subdesenvolvidos, as possibilidades de consumo variam grandemente.

*Na medida em que novos gostos são difundidos através do país e coexistem com gostos tradicionais, o aparato econômico é forçado a se adaptar tanto aos imperativos de uma modernização poderosa como as realidades sociais novas e herdadas. Isto é igualmente verdadeiro para o aparato da produção e para o aparato de distribuição. Dessa forma são criados os dois circuitos econômicos responsáveis não apenas pelo processo econômico, mas também pelo processo que governa a organização do espaço. (SANTOS, 2003, p.172).*

Na feira livre, alguns dos produtos vendidos vêm de procedência desconhecida, como os cd's e dvd's piratas e produtos falsificados que constituem uma parte do comércio ilegal na região. Outros oriundos de trabalhos artesanais, antiguidade e muitas peças usadas que chegam através de donativos. Uma grande base dos produtos pertence ao circuito inferior da economia; mas de qualquer forma é de extrema necessidade estudar os dois tipos de circuito da economia. Segundo Santos (1979c, p.43) “é admitida a coexistência de dois circuitos da economia, um circuito superior e outro inferior, resultado de um processo de modernização diferenciadora que gera os dois circuitos que “têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados.”

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Do ponto de vista metodológico foi realizada uma série de visitas aos domingos à feira. Em um primeiro momento utilizamos da observação participante,

não só interagindo com os comerciantes e consumidores, mas analisando os produtos vendidos, os lugares que os produtos são expostos à mercadoria.

## RESULTADOS

Sabemos que com o passar dos anos a feira de sucata, á margem direita do Rio Paraíba na Avenida Brasil em Juiz de Fora, passou a ser exposta na beirada de calçadas, dividindo assim com os camelôs o mesmo local. Tal circunstância dá origem a uma nova configuração territorial que ganhou força devido à ampliação do mercado informal, conseqüentemente mais consumidores foram atraídos para o local.

A circulação da Avenida Brasil, à margem direita, não é interrompida durante o funcionamento da feira, ocorrendo o encontro de pessoas que transitam carros, comerciantes e consumidores, assim temos o encontro dos atores territorializantes.

As relações de poder, nesse primeiro local, acontecem através de um órgão fiscalizador, enquanto do outro lado, essas relações se constituem por meio de “favores”, ou “pagamentos informais”<sup>3</sup>. O uso da territorialidade depende da relação de controle entre indivíduos (quem controla quem) e do contexto espaço-temporal, cujas fronteiras (controle do acesso) são elementos essenciais. Sabemos que se houverem discordâncias nas relações de poder entre um e outro espaço, então procede a “exclusão”, quando aquelas pessoas que permanecem na margem esquerda são “protegidas” pelo controle dos fiscais públicos, enquanto que os indivíduos que ficam do outro lado desenvolvem suas atividades sem qualquer controle dos órgãos públicos locais. Por fim, essa pesquisa ainda está sendo desenvolvida e as próximas etapas, que serão realizadas por meio entrevistas semi-estruturadas irão responder a alguns questionamentos apontados no referencial teórico desse trabalho, como por exemplo, as noções de circuito superior e inferior.

---

<sup>3</sup> Em visitas ocasionais da pesquisadora a fim de desenvolver seu primeiro estudo a cerca desse território, constatou-se que na margem direita, alguns comerciantes estabelecem vínculo de pagamento com determinadas pessoas para que elas “guardem” ou “reservem” o local, o qual será vendido à mercadoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ana Elizabeth Santos & ALMEIDA, José Rubens de Almeida. *Trabalho informal em tempos "globalizacionistas"*. Revista Histedbr On-line, Campinas, n. Especial, p.238-250, mai.2009. Disponível em: <[www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art15\\_33esp.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33e/art15_33esp.pdf)> Acesso em: 26 jan. 2012.
- CACCIAMALI, M. C. *Globalização e processo de informalidade. Economia e Sociedade*(UNICAMP), IE - UNICAMP, São Paulo, v. 2000, n. julho, p. 153-175, 2000.
- CARLOS, Ana Fani. *Espaço – tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.
- Corrêa, Roberto Lobato. *A geografia cultural e o urbano*. In: CORRÊA, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny (Org). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões*. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Laboratório de Gestão do Território – LAGET, Universidade Federal do Rio de Janeiro, abril, 2000.
- CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2006
- JESUS, T. M. *O lugar da feira-livre na cidade capitalista*. In.:Revista de Geografia. Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, 1992. p. 95 – 121.
- LEFEBVRE, Henri. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG 2008 190p.
- \_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2002.173p.
- MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. *Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?*Revista Psicologia & Sociedade, Nº. 18, V. 2, 2006, págs. 62 – 71.
- MORAIS, Ione & ARAÚJO, Marcos. *Territorialidade e Sociabilidade na feira de Caicó*. Caminhos de Geografia, v.7, nº 17. Fev 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/10220/6088>. Acesso em 26 jan 2012.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Wagner Costa. *Globalização e Geografia em Milton Santos*. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, set./2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2013

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo : Record, 2011. 115p.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 2008 337p.

\_\_\_\_\_. *O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países desenvolvidos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004. 433p.

\_\_\_\_\_. *A economia espacial*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002. 208p.

\_\_\_\_\_. *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994. 332p.

SACK, Robert David. *Human Territoriality: Its Theory and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual: natureza, capital e a produção do espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: Diagnósticos e alternativas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 139 p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *A Prisão e a Ágora*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.